

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

19



ἩΜΕΙΣ ΤΟΙΣ ΠΑΙΣΙΝ ΤΗΣ ΠΟΛΕΩΣ  
ΜΗΝΙΝ ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

**JOSÉ DAS CANDEIAS SALES**, *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemas*, Lisboa: Livros Horizonte, 2007, 230 pp. (il.), ISBN 978-972-24-1521-7.

Neste volume o egiptólogo José das Candeias Sales, docente na Universidade Aberta, reúne alguns estudos inéditos e outros anteriormente publicados em diversas revistas, no intuito de tornar fácil o seu acesso. O Autor anuncia as suas intenções logo no texto de apresentação (p. 7): «No essencial, congregámos neste volume um conjunto de artigos que fomos publicando ao longo dos últimos anos. Trata-se, no fundo, de uma série de reflexões e perspectivas que fomos apresentando de temas e problemas de egiptologia.»

A obra divide-se em duas partes, cada uma delas iniciada por um pequeno texto inédito de contextualização, sendo a I parte dedicada aos primórdios e à actualidade da egiptologia científica, que inclui os artigos sobre a decifração da escrita hieroglífica e o início da moderna egiptologia científica (pp. 16-36), a Pedra de Roseta, pedra angular da ciência egiptológica, com a tradução e análise documental (pp. 37-66), a arqueologia egípcia no século XIX: da «caça ao tesouro» à salvaguarda da herança faraónica (pp. 67-104) e a egiptologia do século XXI (pp. 105-112). A II parte trata de mitologia, memória e temporalidade, reunindo textos sobre o mito do poderoso nome secreto de Ré, sublinhando-se a importância e o significado do nome pessoal na antiga civilização egípcia (pp. 119-134), o mito egípcio da destruição da humanidade, com o sentido e o significado da clemência divina de Ré (pp. 135-156), o nome pessoal na civilização do antigo Egipto e a nomeação como registo memorial da temporalidade (pp. 157-168), e por fim um interpelante estudo sobre modelos de organização do panteão egípcio com uma classificação numérica (pp. 169-185).

O primeiro artigo debruça-se sobre a decifração da escrita hieroglífica e o início da moderna egiptologia científica, retomando um texto publicado em 1990 por ocasião do bicentenário do nascimento de Jean-François Champollion, então com sob o título genérico de «A Pedra de Roseta – pedra angular da ciência egiptológica» (em *História*, 131,

Agosto de 1990, pp. 32-55). Nele se evidenciam as várias tentativas (frustradas) de decifração do monumento, a decifração científica, avultando o pioneirismo de Thomas Young e o decisivo passo de Champollion («Je tiens l'affaire!»).

Segue-se a análise da Pedra de Roseta, aqui vista, muito justamente, como a pedra angular da ciência egiptológica, com a tradução e a análise documental, sendo oferecida no final a tradução do texto grego para português – e seria também desejável que tivesse sido feito o mesmo em relação à parte hieroglífica da histórica pedra, dentro dos limites daquilo que se conhece e em texto seguido. O monumento é visto na sua característica de suporte de um decreto sacerdotal, com a sua estrutura e conteúdo (protocolo inicial e protocolo final), permitindo apreciar o modelo trifuncional ptolemaico nas suas funções guerreira e de protecção, alimentícia e de fecundidade/prosperidade, mágico-religiosa e judicial. O artigo, aqui revisto e ampliado, tinha saído já em *História*, 132 (pp. 44-71), como segunda parte de um estudo genericamente intitulado «A Pedra de Roseta – pedra angular da ciência egiptológica».

Com a arqueologia egípcia no século XIX é o leitor conduzido por um percurso que vai da «caça ao tesouro» à salvaguarda da herança faraónica, retomando um artigo que tinha servido de base para uma comunicação apresentada no Colóquio Internacional «Orientalismo Ontem e Hoje: Nos 100 anos da morte de Verdi», realizado na Faculdade de Letras de Lisboa e publicada em *Cadmo*, 12 (2002, pp. 85-112). O percurso começa antes de Auguste Mariette e continua com os novos métodos e práticas por ele iniciados no Egipto, passando pela destreza do aquarelista David Roberts, que tem algumas das suas belas imagens reproduzias em extra-texto.

Vem depois uma interrogação: «Que egiptologia para o século XXI?». A esta premente questão procura o Autor responder com um texto anteriormente publicado em *O Estudo da História*, 4 (2001, pp. 31-38), concluindo-se que a filologia, a arqueologia e a história continuarão a ser neste século os grandes pilares da egiptologia.

A II parte abre com o mito do poderoso nome secreto de Ré, a propiciar a clara ênfase da importância e significado do nome pessoal na antiga civilização egípcia, retomando o anterior artigo sobre o mesmo tema publicado no volume *Da Pré-História à História* (Lisboa, Editorial Delta, 1987, pp. 353-367). Trata da organização formal do mito do poderoso nome secreto de Ré para que mais facilmente ele seja entendido hoje e da interacção das três grandes esferas que o enformam: Ré, Ísis e o nome secreto.

Segue-se o conhecido mito egípcio da destruição da humanidade, com o sentido e o significado da clemência divina de Ré, já publicado na revista *Hathor: Estudos de Egiptologia*, 3 (1991, pp. 31-61), aqui actualizado, sobretudo em termos de bibliografia, possibilitando a apreensão da sua estrutura morfológica, o *tempus* e *templum* que lhe estão associados, as personagens e a intriga.

«O nome pessoal na civilização do antigo Egipto. A nomeação como registo memorial da temporalidade» é o título do capítulo seguinte, ligeiramente modificado em releção a um artigo idêntico já saído no volume que reuniu as *Actas do Encontro «A Construção Social do Passado»*, que teve lugar em 27 e 28 de Novembro de 1987 (Lisboa, Associação dos Professores de História, 1992, pp. 79-92).

O texto seguinte é inédito, debruçando-se sobre «Modelos de organização do panteão egípcio – A classificação numérica», em que o Autor propõe uma particular observação da classificação numérica como importante critério de categorização inerente à organização, articulação e funcionamento do panteão egípcio. Enceta com os casais e as parselhas/díades, depois as tríades e trindades ou tri-unidades, tétrades, pêntades e décadas, rematando com as héptades, ogdóades, enéades e dodécades.

O volume termina com as notas (pp. 186-206), a bibliografia (pp. 207-217), dividida em «Obras gerais» e «Artigos ou capítulos de livros», quando se justificaria a apresentação de uma bibliografia específica atendendo à diversidade dos capítulos (que ficou diluída nas notas respectivas), e um índice remissivo analítico seguido pelo índice geral (pp. 219-229).

Algumas pequenas anomalias serão sobretudo da responsabilidade da editora: a concentração das notas de todos os capítulos no final do volume em vez de as anexar ao final de cada capítulo, tornando assim difícil a pesquisa, agravada ainda pelo facto de ter sido escolhido para essas notas um corpo de letra diminuto, inferior ao habitual corpo 10, e a existência de demasiados substantivos comuns grafados com inicial maiúscula, à moda francesa, que os serviços de revisão da editora deviam ter detectado.

Os nossos alunos que no ensino superior frequentam cadeiras relacionadas com o estudo da antiga civilização egípcia tirarão sem dúvida grande proveito da leitura e da análise dos textos aqui reunidos, e o público em geral terá neste utilíssimo volume uma garantia de uma boa e sólida abordagem das temáticas e problemáticas nele versadas.

**Luís Manuel de Araújo**